

M | A | R G S

Repensando 19 de abril: memória e resistência

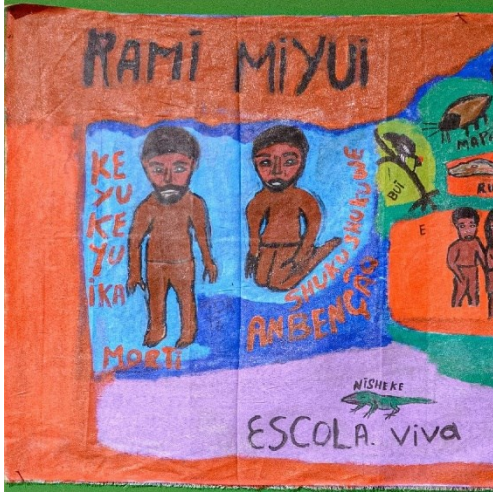
ANO	2022
TIPO DE ATIVIDADE	Ação digital
INÍCIO	19/04/2022
TÉRMINO	20/04/2022
ARTISTA(S) / PARTICIPANTE(S)	Artistas mencionados nos posts: Pajé Duã Busê, José Verá, Maspã Huni Kuin, Cildo Meireles, Nadín Ospina, Claudia Andujar e Michel Zózimo
CURADORIA	Não se aplica
PROMOÇÃO	Governo do Estado do Rio Grande do Sul Secretaria de Estado da Cultura do RS MARGS – Museu de Arte do Rio Grande do Sul AAMARGS – Associação dos Amigos do Museu de Arte do Rio Grande do Sul
OBRAS	07
ORIGEM DAS OBRAS	Coleção Sartori
LOCAL	Não se aplica
CONTAGEM DE PÚBLICO	Sem informações
OBSERVAÇÕES	Para repensar o dia 19 de abril (Dia do Índio), propomos uma reflexão sobre arte indígena a partir de trabalhos em exibição na exposição “Coleção Sartori – A arte contemporânea habita Antônio Prado”, em cartaz no MARGS.

Repensando 19 de abril: memória e resistência

Instagram

Post 01: publicado em 19/04/2022, composto por 10 cards e legenda

https://www.instagram.com/p/CciKEIDuCn8/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==



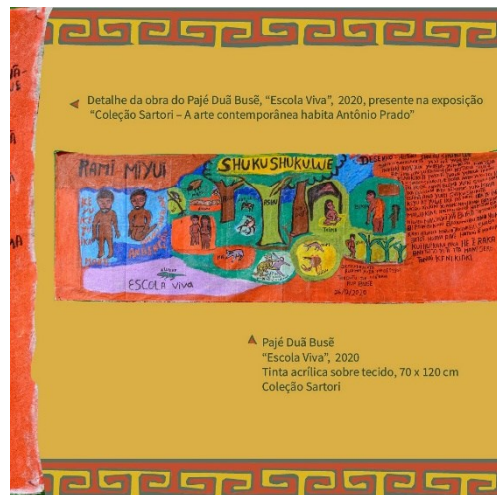
Card 01



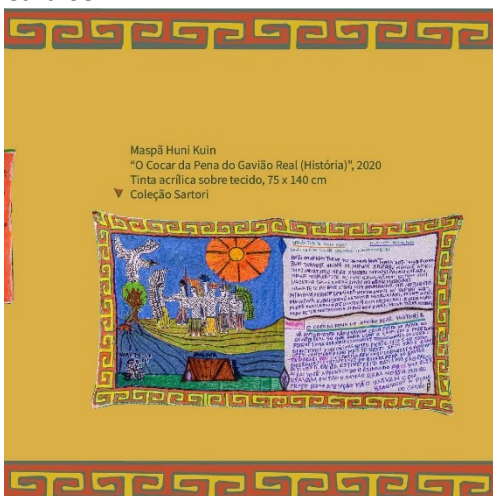
Card 02



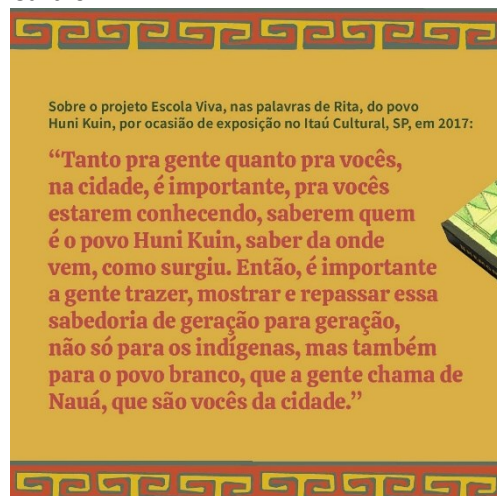
Card 03



Card 04



Card 05



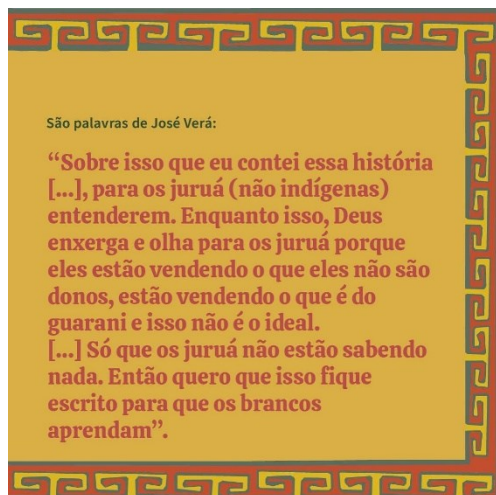
Card 06



Card 07



Card 08



Card 09



Card 10

Legenda do post 01:

SABEDORIA E ORALIDADE

Para repensar o dia 19 de abril (Dia do Índio), apresentamos três trabalhos do núcleo indígena da “Coleção Sartori – A arte contemporânea habita Antônio Prado”, que fica em cartaz no MARGs até 01.05.2022.

As obras são esforços para a coleta e divulgação da sabedoria de diferentes povos indígenas.

As duas primeiras pinturas, “Escola Viva” e “O Cocar da Pena do Gavião Real (História)”, ambas de 2020, fazem parte do projeto Una Shubu Hiwea (Livro Escola Viva), coordenado pelo Pajé Duã Busê.

O projeto reúne pajés e aprendizes do povo Huni Kuin para transmissão e o fortalecimento de conhecimentos ligados aos saberes tradicionais. Os Huni Kuin (homens verdadeiros) vivem em 12 terras indígenas situadas entre o Acre e o Sul do Amazonas. Também chamados de Kaxinawá, falam a língua Pano.

O outro trabalho apresentado é um livro de José Verá. Ele vive em Tekoa Yvyty Porã, a Terra Indígena Guarani Barra do Ouro, no litoral norte do RS. A região é conhecida pelos não indígenas como Aldeia do Campo Molhado e a área foi demarcada há 30 anos num processo de luta e resistência do povo guarani.

A publicação “Nhemombaraete Reko Rã'i – fortalecendo a sabedoria”, de 2021, traz desenhos que Verá produziu a partir da cosmologia de seu povo. É um livro bilíngue, em que as histórias foram transmitidas

oralmente a dois professores guaranis, que as transcreveram para o guarani e as traduziram para o português.

Para saber mais:

“Una Shubu Hiwea - Livro Escola Viva do Povo Huni Kuin do rio Jordão” / Organização Itaú Cultural. São Paulo, Itaú Cultural, 2017.

https://issuu.com/itaucultural/docs/publicacao_unashubuhiwea

Van Nouhuys, Iana Scopel. “Histórias e desenhos visionários de um ancião mbya guarani”. Jornal da Universidade, UFRGS, 2021.

<https://www.ufrgs.br/jornal/historias-e-desenhos-visionarios-de-um-anciao-mbya-guarani/>

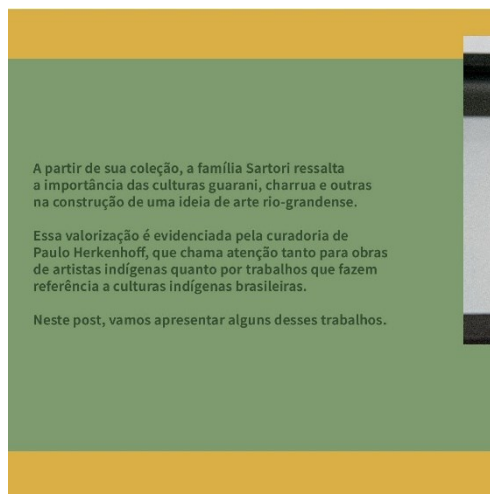
Em 2022, a @sedac_rs realiza, por meio de suas instituições, a segunda edição do projeto “Repensando 19 de abril”. Com o mote “memória e resistência”, propõe a reflexão sobre as contradições dessa data, oficializada no Brasil em 1943 para comemorar o Dia do Índio, e sobre a situação atual dos povos indígenas.

Post 02: publicado em 20/04/2022, composto por 09 cards e legenda

https://www.instagram.com/p/CckuQ6XuOTM/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==



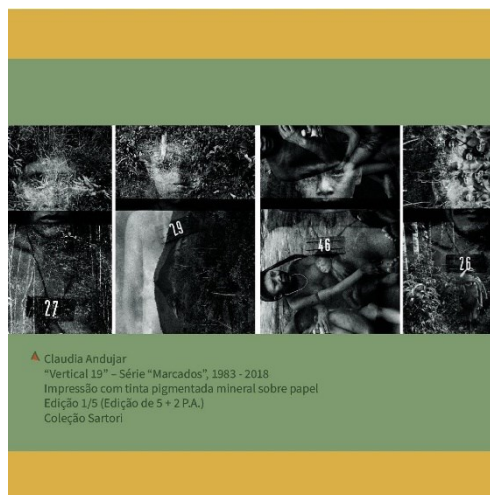
Card 01



Card 02



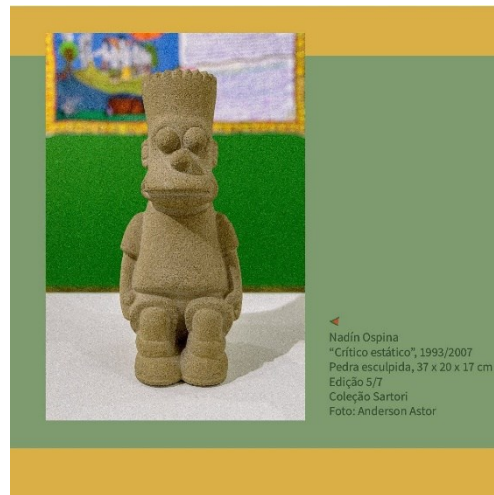
Card 03



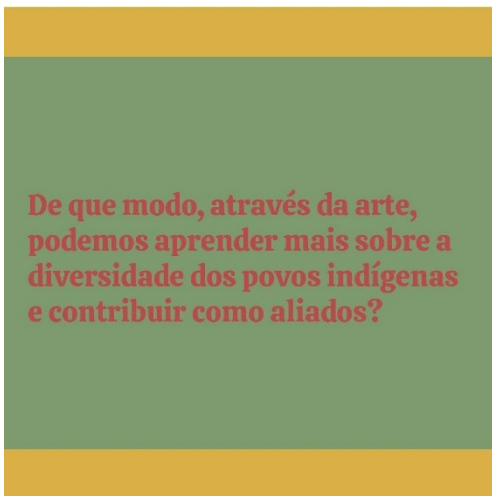
Card 04



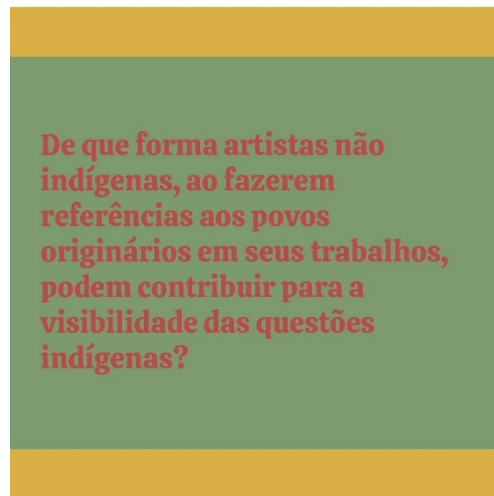
Card 05



Card 06



Card 07



Card 08



Card 09

Legenda do post 02:

A partir de sua coleção, a família Sartori ressalta a importância das culturas guarani, charrua e outras na construção de uma ideia de arte rio-grandense. A curadoria de Paulo Herkenhoff chama atenção para um núcleo composto tanto por obras de artistas indígenas (tema do nosso post anterior) quanto por trabalhos que fazem referência a culturas indígenas brasileiras (tema deste post).

Em “Zero real”, de 2014, Cildo Meireles produz uma nota falsa, em que, de um lado, é estampada a face de um homem indígena da etnia kraô. Com isso, o artista retoma o “Projeto cédula” e debate a permanência das questões de grupos marginalizados no país.

O trabalho “Crítico estático” (1993), do artista colombiano Nadín Ospina, parte de técnicas formais utilizadas por artesãos pré-colombianos para representar um personagem da cultura estadunidense: Bart Simpson. Com isso, faz refletir sobre que referências culturais reconhecemos com mais facilidade.

Já na série “Marcados”, de 1983, feita por Claudia Andujar com o povo Yanomami, os números presentes nas fotos são um índice tanto de preservação da vida (pois as fotos foram feitas para uma campanha de vacinação), como também remetem aos retratos em que as pessoas recebem números para serem executadas.

Por fim, “Manto verde” (2019), de Michel Zóximo, faz uma alusão formal ao Manto Tupinambá, mesclando com referências ao filme tailandês Tio Boonmee, de 2010.

A partir desses trabalhos, que podem ser conferidos na “Coleção Sartori – a arte contemporânea habita Antônio Prado”, em exibição no MARGS até 01.05.22, propomos algumas questões. Confira nos cards!

Em 2022, a @sedac_rs realiza, por meio de suas instituições, a segunda edição do projeto “Repensando 19 de abril”. Com o mote “memória e resistência”, propõe a reflexão sobre as contradições dessa data, oficializada no Brasil em 1943 para comemorar o Dia do Índio, e sobre a situação atual dos povos indígenas.